

## O SEGREDO DA BOA CRÔNICA

Mais uma edição do Prêmio Milton Leite da Costa e dessa vez finalmente tomei coragem de participar. Como não estou acostumado, a página em branco me travou. Peguei o telefone e liguei para o próprio Milton. Tenho disso. Se a inspiração não vem, converso com os grandes e deixo o papo fluir solto. Entre uma ideia e outra a danada chega e aí o texto está quase pronto, é só penteá-lo, ajustar a gravata e conferir se o todo está convincente.

— Dr. Milton?

— Oi. Você?

— Pois é, tomei coragem. Mas, sabe, tá me faltando... Tenho até vergonha de dizer.

— Inspiração?

Eu demorei pra confirmar. Era isso mesmo. Faltava criatividade, uma frase de efeito, uma história divertida de audiência, aquela anedota de comarca de interior, sei lá, qualquer coisa, uma ideiazinha só. Nada me ocorria. Crônica nunca foi o meu forte.

— Não se escreve crônica. Ela simplesmente nasce.

— Já é uma boa frase pra começar. De quem é?

— Clarice Lispector.

Era boa, sim, mas faltava sal. Essa história de inspiração vindo do além ou nascendo como uma verruga na testa tinha cara daquela era romântica em que se retratavam escritores depressivos cercados de fumaça de cigarro e conhaque. Nunca acreditei em quem dizia se deparar com o personagem vagando na frente do teclado no meio da madrugada entre goles na máquina de escrever. O prazo encerra daqui a meia hora, falei. Alguma outra sugestão?

— Tem aquela do sucesso: um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de transpiração...

Clichê demais. E se era mesmo frase do Thomas Edison, duvido. Ele devia estar mais preocupado em evitar que suas lâmpadas queimassem muito rápido do que escrever frases de efeito. Seguimos tentando encontrar um peixe grande. Passamos por metáforas de agricultura, com lavouras sendo aradas e sementes boas que florescia em textos maravilhosos. Não, nem pensar. Que tal Shakespeare, Homero? Não, não, os clássicos não. O concurso é sério, mestre. Deve ter gente da Academia Catarinense na banca.

— Algo original não é tão fácil encontrar.

— Também não precisava ser tão difícil — eu disse. — Sinto um pouco de vergonha.

— Não, não, deixa disso. Escritores são os que mais têm dificuldade de escrever.

Thomas Mann disse isso. Escreve sobre a dificuldade de escrever.

— Outro clichê. Coisa de estudante em trabalho de conclusão de curso. Aliás, Thomas Mann, tem certeza?

— Ele copiou de outro, aposto. Toda arte é um roubo. Escrever é reescrever os outros. A diferença é que o bom escritor furta tão bem que aos olhos do leitor parece original a ideia. Thomas Mann levou a fama. Não importa. Ponto pra ele.

Era uma boa sugestão. Falar da falta de inspiração, do prêmio, elogiar um ou outra personalidade importante, quem sabe até imaginar uma sessão do Conselho Superior em que a mais ousada e criativa tese jurídica surgisse para mudar o Direito Nacional. Já pensou?

Ele gargalhou. — Não exagera! Pega um conto, um Machado de Assis, ou quem sabe alguém mais moderno, uma mulher, a Lygia Telles... Se bem que a Lygia não, o erotismo vai acabar sendo vetado na comissão julgadora. Mas se quer um conselho mesmo, não escreva pros outros, não escreva em português...

— Fernando Pessoa — atalhei. — “Não escrevo em português. Escrevo eu mesmo.”

— Isso. Se copiar o melhor dos melhores, já é meio caminho. Vai lá e bota o seu coração no papel. Dá trabalho eu sei, e dói. O seu texto é você, é o seu peito aberto, uma sessão de terapia a que todos vão assistir.

E a vergonha? Expor-se assim para os colegas, para os amigos. O encarte especial da ACMP vai para outros estados. Internet, inclusive. Vão ler e me achar piegas, exibido...

Ele tentou mudar de assunto. Arriscou uma ou outra ideia, foi caminhando até a biblioteca da casa, passou o dedo pelas lombadas de alguns livros. Ia narrando o caminho que fazia entre as estantes enquanto tentávamos encontrar alguma sugestão melhor. Falei que já tinha vasculhado a internet, mas nada de bom aparecia.

— A internet é um problema.

Opa, aí estava um assunto. Que tal comparar as eras? — Como era na década de 50, dr. Milton? — perguntei. — Era difícil escrever sem internet?

— Era, e ainda por cima precisava usar mata-borrão. Na verdade acho que facilitava. Escrever mais devagar te dá menos tempo pra falar bobagem. Não sei como vocês conseguem trabalhar hoje em dia com tanta distração.

Ele tinha razão. E já era uma outra boa dica, pelo menos quanto à forma: escrever à mão a crônica para o Prêmio de 2022. Anotei mentalmente a sugestão. Mas eu precisava de uma história pra contar, de uma reviravolta, quem sabe uma lição de vida, daquelas bem floridas, pra colocar na moldura da crônica e fazer a comissão se emocionar. Resolvi arriscar. Dei vazão à vontade doida que de vez em quando me assalta, a vontade de fazer à queima-roupa a pergunta mais delicada que se pode fazer ao interlocutor. Estratégia de jornalista, me disseram, e os cronistas também usam. Bom, se não chegam a fazer a pergunta, pelo menos *pensam* na pergunta e imaginam a resposta. Depois é só calcular o que perguntariam em seguida, e como se desenrolaria a conversa daí pra frente, como enxadristas imaginando as evoluções infinitas no tabuleiro.

— Dr. Milton, se fosse pra escrever a sua biografia, o que ficaria de fora? O que precisaria ser inventado?

Ele ficou um tempo em silêncio. Senti só a respiração, dava pra ouvir as unhas raspando a barba do queixo. Faltavam vinte minutos pro final do prazo. Eu já queria desistir da pergunta e me despedir quando ele saiu com essa:

— Você me deixa encabulado. Não vai usar isso no próximo texto, né?

Menti: — Não, juro que não.

— Vou ficar de olho.

Menti de novo: — Confia em mim.

Ele ainda demorou a responder. Me deu até uma palpitação. O ritmo desse pessoal do século passado é outro e uma cabeça como a minha, conectada em duzentos megabits de fibra ótica, já dava sinal de irritação. Quinze minutos.

— Bom, eu deixaria de fora tudo o que ficou de fora; e inventaria tudo o que inventei de novo. Sem essa de arrependimentos póstumos. Aquele poema sobre cometer mais erros, tomar mais sorvete, comer menos lentilha, ser menos higiênico, aproveitar mais entardeceres e bla-bla-bla, isso não é pra mim. Fiz o que eu quis fazer e acho que inclusive os erros são bons pra mostrar que a gente vive aí pra nascer, crescer, errar, acertar, errar e acertar de novo, e morrer. “O resto é só silêncio”. Érico Veríssimo.

Pronto. Ali estava o que eu queria. Fernando Pessoa, Clarice, Thomas Mann, Machado, Lygia Fagundes Telles, que nada. Érico Veríssimo caía bem melhor. O resto é silêncio. Uma crônica sobre o silêncio, sobre o nada. Que tal mandar uma folha em branco só pra abusar da comissão? Duchamp não pegou um mictório, escreveu “A fonte” e fundou um novo estilo de arte moderna?

— Ah, não me venha com essas bobagens pós-moderninhas. E por hoje chega, tô cansado e tem outro promotor querendo falar comigo. Vai ver é sobre o concurso também. Quando chega perto do final do prazo, vocês me tiram do sério. Escreve a tua crônica do jeito que achar melhor. Bota o coração nela e manda o texto sem nem revisar. Essas é que são boas.

O melhor mesmo seria mandar como crônica a nossa conversa. Se tivesse gravado, bastaria transcrever e pronto, estava feito. Mas aí eu corria um risco. A comissão não ia me desclassificar por ter pedido ajuda ao patrono? Comentei com ele a hipótese antes de desligar.

— Tenta. Se me perguntarem, eu nego.

Ele desligou. Abri de novo o site da ACMP. A imagem dele estampada no computador na minha frente. Juro que eu o vi piscar um dos olhos pra mim. Encarei como uma espécie de autorização para transcrever a nossa conversa. Tomara que não me desclassifiquem, porque não dá tempo de escrever outra.